

...com Keith Douglass Warner OFM

VIVER O EVANGELHO NUM PLANETA DE CLIMA INSTÁVEL

“A responsabilidade em nutrirmos a educação ecológica vem dos testemunhos do amor sensorial de Francisco pela criação e da sua caminhada à Encarnação. A fé, a espiritualidade e a ética são necessários, mas requerem que os conhecimentos científicos também sejam incluídos. A alfabetização ecológica deve ser um objetivo importante para os franciscanos do Século XXI.”

- [Keith Warner, OFM]





Enunciado da Diretriz do Capítulo Geral de 2008 das Irmãs Franciscanas dos Pobres

Não ferir nossos irmãos humildes (os animais), é o nosso primeiro dever para com eles, mas, apenas isso, não basta. Temos uma missão mais elevada: estar a serviço deles sempre que precisarem! [Não ferir. . . – São Francisco de Assis]

Paz e bem a todos vocês!

Com este artigo continuamos nossa série de conversações, para explorar o significado mais profundo da diretriz do nosso Capítulo Geral: **“Gerar compaixão e esperança na comunidade da vida”**.

Em seu artigo **Viver o Evangelho num Planeta de Clima Instável**, Frei Keith Warner enfoca a justiça climática e a necessidade de uma resposta franciscana que seja profética e desafiadora. Pertencente à Província OFM de Santa Barbara, Califórnia, ele é docente do Departamento de Estudos Religiosos junto ao Centro Ciência, Tecnologia e Sociedade da Santa Clara University, onde é também Diretor Assistente em Educação. Em suas pesquisas ele tem investigado a emergência de uma ética da sustentabilidade ambiental, um trabalho que desenvolve nessa instituição simultaneamente científica e religiosa. Ele é autor ou co-autor de três livros, inclusive **Cuidado da Criação, uma Espiritualidade Franciscana da Terra** e tem mais de dezoito artigos publicados sobre ciência ecológica, ética e espiritualidade.



Keith Douglass Warner OFM

Estaremos prontos a abandonar nossa recusa e incredulidade – individual e coletiva – e assumir a caminhada de sanar a comunidade da vida? Como podemos enfrentar a realidade e estabelecer uma ética ecológica, com justiça? Este número de **Conversações** suscita essas perguntas e procura propiciar-nos uma direção para viver e agir com alegria e compaixão nestes tempos difíceis.

À espera de que continue a visitar o nosso site com frequência, queremos estender-lhe um convite para que venha se unir à nossa missão de gerar compaixão e esperança na comunidade da vida.

Irmã Tiziana Merletti, sfp
Ministra Congregacional

JUSTIÇA CLIMÁTICA

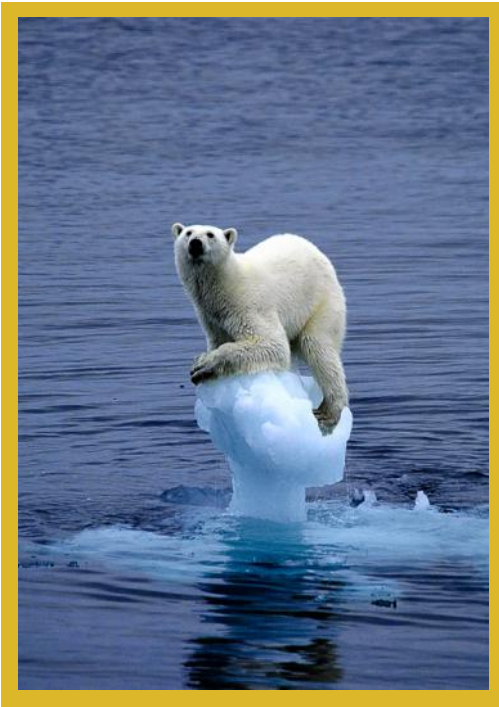
O desequilíbrio do clima global mostra todos os indícios de ser o problema mais grave enfrentado pela família humana neste Século XXI. Esta situação de impactos negativos que o desequilíbrio climático irá causar é muito maior do que tudo aquilo que a maioria de nós sequer poderia imaginar.



Os termos “aquecimento global” e “mudança climática” não explicam adequadamente aquilo que já está acontecendo e o que quase certamente irá acontecer durante a nossa

existência. A questão não é tanto o aumento da temperatura ambiental quanto o clima previsível de que a civilização humana é dependente. A média da temperatura já está subindo, mas o transtorno das chuvas, do suprimento de água potável e da própria agricultura são muito mais inconvenientes do que o calor excessivo:

- Os desertos estão se tornando cada vez mais secos;
- As estações do ano estão chegando com atraso ou durando menos;
- As tempestades estão se tornando cada vez mais intensas e destruidoras;



- Todos os tipos de cultivo agrícola estão sendo sinistramente ameaçados, o que certamente terá um impacto mais negativo para os pobres.
- O habitat, ou seja, a moradia natural de cada espécie sobre a Terra, está mudando muito mais rapidamente do que as plantas e os animais conseguem se adaptar, aumentando ainda mais a pressão sobre as espécies já ameaçadas de extinção.
- A instabilidade climática global ameaça arruinar anos e anos de trabalho pelo

desenvolvimento sustentável dos recursos naturais e acelerar a erosão da terra e da sua biodiversidade.

O desequilíbrio climático é uma questão de justiça social porque as pessoas que se beneficiam com a queima de combustíveis fósseis (as economias dos países avançados da Europa e da América do Norte) se encontram em regiões que ainda estão para sentir os impactos mais graves da instabilidade global. Os países mais pobres tendem a se concentrar ao longo da linha do equador e já estão sofrendo padrões climáticos marcadamente alterados. Algumas pequenas nações insulares estão planejando abandonar a terra dos seus ancestrais, porque essas ilhas estão começando a desaparecer com o aumento do nível do mar.



Os povos indígenas das regiões do círculo ártico estão entre os mais gravemente afetados. O substrato permanentemente congelado (*permafrost*) está se derretendo debaixo dos seus próprios pés. Vastas florestas boreais estão morrendo. Sem a proteção do gelo costeiro, poderosas tormentas oceânicas estão transformando drasticamente inteiros vilarejos de pescadores e seus meios de sobreviver. As tendências climáticas nas regiões tropical e polares confirmam os temores de que iremos testemunhar o êxodo de milhões de refugiados do mau clima em busca de um novo ambiente. A organização [Catholic Relief Services](#), fundada pelos bispos americanos, relata que várias décadas de constantes esforços pelo desenvolvimento

econômico dos países mais pobres do mundo estão sofrendo uma reversão histórica

dos padrões climáticos e tempestades tropicais de impacto sem precedentes (como as enchentes no Paquistão em agosto de 2010).

PEDIDO DE RESPOSTA AOS FRANCISCANOS

Essas deprimentes realidades desafiam nossa compreensão da fé, convidando-nos a assumir uma espiritualidade adulta. Gerar compaixão pela comunidade da vida requer de nós tratar dessas crises urgentes. Mas nós, humanamente, vamos adiando. É

doloroso enfrentar essa realidade. Temos medo. Até nós, os religiosos, ficamos desanimados. Conseguiríamos fazer uma diferença? Haveria ainda alguma esperança? No ano passado, a União Internacional dos Superiores Gerais nos estimulou a renovar a vida religiosa num espírito místico e profético. **Nosso Pai Francisco e nossa Mãe Clara nos oferecem excelentes exemplos de como unir esses dois aspectos da vida religiosa. E é precisamente na esperança, esta mais preciosa necessidade, que eles podem nos ajudar. O nosso planeta já está muito transtornado. Precisamos de compaixão e coragem.**



Precisamos de um espírito contemplativo que possa alimentar nosso espírito, mas



também de uma sabedoria prática que, combinada ao conhecimento científico, possa nos conduzir através da névoa de supostas incertezas. Acredito que temos na nossa tradição franciscana os instrumentos essenciais para formular uma resposta católica a todas essas crises. Nosso Pai Francisco é o santo padroeiro dos pobres, mas é também o santo padroeiro da nossa formação ecológica. É esse fato e a nossa tradição contemplativa que deverão nos conduzir mais

profundamente na caminhada através do clima instável deste mundo.

Fui impelido a seguir o modo franciscano da vida religiosa devido à minha experiência pessoal da natureza, da oração contemplativa e da solidariedade com os pobres. Vinte anos atrás, quando pedi para ingressar na Ordem dos Frades Menores e perguntei pelos seus ministérios ambientais, me olharam com a maior perplexidade. Fiquei surpreso – na verdade, escandalizado – ao descobrir como eram poucos os recursos dedicados a esse tópico tão franciscano. Meu Diretor Vocacional e outros frades exprimiram seu suporte à idéia de uma educação ambiental, mas não podiam me prometer que eu poderia assumi-la como ministério. Foi assim que se iniciaram

meus vinte anos de esforços para compreender porque os franciscanos nunca investiram profundamente em ministérios que cuidassem da Mãe Terra.

Há uma crença popular muito comum de que os franciscanos modelam o cuidado da criação, que data de 1979, quando o então Papa João Paulo II declarou São Francisco como sendo o *“œcologiæ cultorum patronum cœlestem”*, isto é, o “padroeiro celeste

dos cultivadores da ecologia” .

A EDUCAÇÃO ECOLÓGICA FRANCISCANA

Foi o eminente filósofo da educação ecológica nos Estados Unidos,

David Orr, quem estabeleceu o termo “alfabetização ecológica” (ecological literacy) para definir a habilidade de compreender e viver conforme os sistemas naturais que fazem a vida na Terra ser possível. Criticando a educação convencional por perpetuar os problemas ecológicos ao apresentar o conhecimento científico fora do contexto moral, ele propôs reestruturarmos a pedagogia para incorporar a consciência da dependência humana dos ecossistemas e revisar seus objetivos de modo a incluir explicitamente uma reflexão ética sobre as opções humanas. Essa visão educacional é notavelmente coerente com a visão de mundo franciscana contemporânea, a partir da qual podemos aprender muito em nossa vida pessoal e ministerial.





A responsabilidade de promover uma alfabetização ecológica vem dos testemunhos do amor sensorial de Francisco pela criação e da sua caminhada à Encarnação. A fé, a espiritualidade e a ética são necessários, mas requerem que os conhecimentos científicos também sejam incluídos. A alfabetização ecológica deve ser um objetivo importante para os franciscanos do Século XXI.

Sem informações precisas sobre o que é mesmo real, fundamentado na realidade material da Terra, o cuidado franciscano pela criação poderia rapidamente dissolver-se

no sentimentalismo fácil. Como Família Franciscana, precisamos enfrentar o fato de que muitos dos nossos membros já caíram na cilada do sentimentalismo.

Em grande parte, o interesse inspirado por Francisco para com a criação tem sido exclusivamente afetivo e pouco informado sobre como os padrões de comportamento humano estão causando esse colapso ecológico do Planeta. É como se o exemplo de Francisco inspirasse as pessoas a se concentrarem subjetivamente em seus animaizinhos de estimação e nas plantas do seu jardim. Sou considerado como tendo



inventado o conceito do “Franciscanismo de Banheira de Passarinho”. Para remediar essa visão idiossincrática e descompromissada, e promover uma autêntica consciência ambiental, **eu recomendo organizarmos nossos recursos para incentivar uma alfabetização ecológica franciscana. Essa iniciativa exigiria assumirmos seriamente os estudos científicos.**

RESGATAR O CONHECIMENTO CIENTÍFICO FRANCISCANO

Francisco é a nossa inspiração, mas essa inspiração somente não basta para entendermos os problemas ambientais contemporâneos. Dez anos atrás, alguns importantes estudiosos franciscanos iniciaram um resgate da tradição intelectual

[franciscana](#), retomando esforços anteriores a partir dos exemplos de Francisco e Clara e incluindo a [filosofia e teologia desenvolvidas por Boaventura de Bagnoreggio \(1217 - 1274\) e John Duns Scotus \(1265–1308\)](#). Esse estudo expandiu o nosso modo de pensar sobre o testemunho carismático de Francisco num contexto intelectual mais amplo refletindo a sua intuição original.

Mais recentemente, conduzi uma pesquisa sobre a dimensão científica da tradição franciscana. Vocês poderiam perguntar, e com razão, qual seria essa tradição de pesquisa científica franciscana. Os exemplos que investiguei são todos provenientes do nosso passado histórico – do Século XIII ao Século XVI – mas eles exprimem, à sua maneira, através da pesquisa científica, o amor de Francisco pela criação. Esses franciscanos não são bem conhecidos porque não foram canonizados, nem beatificados. Foram figuras influentes em seu tempo, mas são praticamente desconhecidos pela Família Franciscana, hoje em dia.

[Bernardino de Sahagún \(1499-1590\)](#) pode ser considerado o primeiro antropólogo a pesquisar a vida e a cultura do México (de 1529 a 1590). [Bartolomeu o Inglês \(1200–1272\)](#) criou uma enciclopédia no intuito de preparar os frades para compreender a história natural e social ao pregarem o Evangelho. O inglês [Roger Bacon \(1214-1294\)](#), um frade menor, foi o pioneiro em várias idéias filosóficas a partir das quais o método científico foi concebido. Esses três franciscanos praticavam a ciência existente na Idade Média, usando os conceitos, os instrumentos e as instituições de sua era para coletar, analisar e interpretar dados sobre a natureza e a sociedade. Suas

investigações refletem uma consideração franciscana para com o mundo natural, arraigadas na afirmação de que a inteira criação é religiosa e moralmente significativa. Publiquei este ano um artigo mais detalhado sobre esses três personagens na revista da Associação de Colégios e Universidades Franciscanas Norte-Americanas (*Keith D. WARNER – "The Incarnation Matters: Retrieving Franciscan Science for Ecological Literacy", in A Franciscan Perspective on Higher Education, [Journal of the Association of Franciscan Colleges and Universities](#), January 2011, Volume 8, Number 1*).

Ao menos três valores franciscanos aparecem consistentemente nas vocações e no trabalho desses três frades.

Primeiro – Eles compreenderam, como Francisco, que a criação é intrinsecamente boa e que pode conduzir ao encontro com Deus. Como a criação é sempre um reflexo de Deus, estudar a natureza – usando os melhores instrumentos intelectuais disponíveis – significa, de algum modo, aprender alguma coisa sobre Deus, sobre o seu caráter e a sua atividade no mundo.

Segundo – Eles conduziram seu trabalho científico em comunidade, participando como membros ou como liderança tanto em sua comunidade religiosa como em sua comunidade acadêmica. Para esses franciscanos, o processo de pesquisa científica era social e tinha lugar no relacionamento com o próximo.

Terceiro – Sua pesquisa científica tinha um propósito moral: servia para a evangelização, para o benefício da Igreja e da sociedade. A pesquisa científica era

inerentemente boa porque os ajudava a compreender melhor o Criador e as criaturas. Como foi que perdemos a tradição científica franciscana? Essa questão é muito importante, mas difícil de responder. O trabalho científico sempre foi uma parte



bastante pequena da tradição intelectual franciscana, e esses três personagens foram de certa forma, excepcionais. Eram cientistas franciscanos exemplares, ativamente engajados e avançados para os paradigmas e metodologias das suas eras.



A tradição franciscana científica não foi bem sucedida na sua transição para o paradigma científico moderno por várias razões bastante complexas que escapam ao escopo deste ensaio. Talvez nos seja mais

importante perguntar hoje em dia – **Como podemos resgatar essa tradição e aplicá-la a serviço do nosso Planeta?**

ALIMENTO PARA A NOSSA CAMINHADA ATRAVÉS DESTE MUNDO CONTURBADO

Pensando no futuro da vida religiosa, sugiro considerarmos a encruzilhada do nosso amor pessoal pela criação de Deus e as maiores necessidades do Planeta. Os desafios são graves, consequentes e religiosos. O sentimentalismo do “Franciscanismo de Banheira de Passarinho” não tem muita utilidade nesse contexto. Ao contrário, precisamos conciliar conhecimentos, coragem e compaixão, focá-los e mantê-los por um período de tempo num esforço comum. Precisamos de exemplos de genuíno auto-

sacrifício como os de São Francisco, de Dorothy Day, e de Mohandas Gandhi.

Precisamos da prática contemplativa de mulheres como Clara para nos sustentar na nossa difícil caminhada. **Mas precisamos também da habilidade de nos engajarmos**

de maneira significativa com as dimensões científicas e éticas da instabilidade climática.



A família humana está começando a

compreender o que significa viver num planeta de clima instável. Recusa e incredulidade continuam sendo as respostas mais comuns e dá para entender porque. É muito doloroso aceitar as consequências das ações humanas, principalmente as ações dos nossos antepassados imediatos.

Ignorar nosso apego ao consumo de combustíveis fósseis parece mais fácil do que enfrentar a inquietação causada pelos seus danos à vida das pessoas e do planeta, fora o desafio de lidar com problemas de comportamento humano. De fato, ainda há uma quantidade muito grande de novas jazidas de petróleo, carvão mineral e gás natural debaixo da superfície terrestre. Certamente há bilhões de pessoas vivendo com mínimos recursos financeiros que poderiam ter uma vida melhor se esses recursos naturais fossem explorados e revertidos para o combate à pobreza, mas continuar

usando o modelo energético de combustíveis fósseis do século passado resultaria numa grande catástrofe. Qualquer redução significativa dos gases nocivos para o clima deve se basear numa cooperação internacional, o que requer mais auto-restrições do que qualquer tratado internacional ecológico exigiu até agora. Tenho a esperança de que nós, franciscanos, possamos apoiar essa iniciativa junto às Nações Unidas através da nossa ONG, [Franciscans International](#).

Redefinir o uso humano de energia requer enfrentarmos dilemas éticos, ou problemas que desafiam as soluções mais simples porque há legítimos interesses em conflito por detrás. **O problema da instabilidade climática não pode e nem deve ser resolvido às custas dos pobres.** Mas para falarmos da dimensão ética da instabilidade climática, precisamos necessariamente mencionar a grande diferença entre os ricos e os pobres, que continua a aumentar. As pessoas que já estão sofrendo uma miséria desumana – e provavelmente as que mais sofrerão com a instabilidade climática – são as que menos se beneficiaram, no passado, com a queima de combustíveis fósseis responsável pelo excesso de gás carbônico na atmosfera!

As duras conquistas ambientais pelo desenvolvimento sustentável ao redor do mundo estão sendo ameaçadas pela instabilidade climática. Essa questão é inevitavelmente ligada ao desigual e injusto desenvolvimento econômico de alguns países. Toda resolução internacional deverá necessariamente questionar as implicações éticas dessa desigualdade. Portanto, **fazer o necessário por um planeta climaticamente instável**

requer tanto uma alfabetização ecológica quanto uma ética de justiça social, e não somente para os pobres de hoje, como também para as futuras gerações.

Pode até parecer um exagero, e com razão, pois poucas pessoas conseguem prontamente perceber a diferença. Mas a nossa fé nos ajuda a reconhecer que Deus ainda ama os seres humanos, apesar de termos rompido o delicado equilíbrio do clima terrestre. **Como primeiro passo, precisamos comprometer-nos em assumir a questão com sabedoria, prudência, oração, e de coração aberto, individualmente, ou em comunidade.** O Empenho de São Francisco (*The St. Francis Pledge*) é uma promessa e um compromisso de fé assumido pelos católicos dos Estados Unidos – indivíduos, famílias, comunidades, organizações e instituições – engajados na proteção da criação divina e na defesa dos direitos dos pobres que estão sofrendo os impactos ambientais mais graves da mudança climática. Os cinco elementos desse Empenho são:

1. Orar e refletir sobre o dever de cuidar da criação de Deus e proteger as pessoas pobres e vulneráveis;
2. Aprender e educar os outros sobre as causas da instabilidade climática e seus aspectos morais;
3. Avaliar como estamos contribuindo para a instabilidade climática global – pessoalmente ou como membros de uma família, da paróquia e de outros grupos – com o nosso uso de energia, consumismo, desperdício, etc.
4. Agir para mudar nossas opções e tipos de comportamento a fim de reduzir os modos com que agravamos a instabilidade climática.

5. Advogar os princípios católicos e estabelecer as prioridades nas discussões e decisões sobre a mudança climática, especialmente no tocante ao seu impacto sobre as pessoas pobres e vulneráveis.

Gostaria de estimular todos os membros da Família Franciscana a assumir e viver esse empenho para cumprir o Evangelho neste nosso planeta de clima instável. Estamos sendo chamados a conviver com alegria, apesar dessa difícil realidade, como têm demonstrado o meu confrade, [Jacek Orzechowski, OFM](#) e seus amigos, ao participarem de iniciativas em defesa da ecologia como os Mergulhos de Urso Polar*. São Francisco de Assis, roga por nós!

Perguntas para sua Reflexão

Quais são as orientações da nossa tradição contemplativa franciscana para respondermos ao desafio da instabilidade climática mundial?

A questão da Justiça Climática é importante para a sua comunidade (local, religiosa, ou global)? Por que?

VocL procura promover a Justiça Climática, especialmente para proteger os pobres? Como?

Como você consideraria assumir “promover a alfabetização ecológica” como sua responsabilidade?



. . . CONVERSACÕES